

O LIVRO: uma imersão ao mundo da informação, dados e conhecimento

Luiz Carlos dos Santos

O site www.lcsantos.pro.br concebido, instalado e alimentado, de longe, substitui a leitura (seletiva, analítica e interpretativa) dos livros e/ou periódicos, fontes secundárias, necessárias à produção de trabalhos técnico-científicos. A finalidade da ferramenta disponibilizada aos internautas, especialmente aos alunos da graduação e pós-graduação é de oferecer textos de opinião, artigos técnico-científicos, material didático, dentre outros, para elaboração de trabalhos acadêmicos. Assim, o que está disponibilizado no referido site apresenta uma linguagem menos densa, sintética e objetiva de temas/assuntos de aderência ao perfil do autor, porém insubstituível ao cabedal técnico, científico, étnico-cultural, social, artístico e literário à disposição dos leitores, em forma de livros.

De acordo com o volume 1 da coleção intitulada “Normas para apresentação de documentos científicos da Universidade Federal do Paraná” (UFPR, 2002, p. 1), “Livro é uma publicação não-periódica de conteúdo científico, literário ou artístico, com um mínimo de cinco páginas, excluindo as folhas de guarda. É formado por um conjunto de folhas impressas, grampeadas, costura ou coladas em capa [...] A identificação de um livro, de uma determinada edição, é feita pela atribuição do Numero Padrão Internacional do Livro (ISBN) - *International Standard Book Number*.

O ISBN é um sistema internacional de identificação de obras intelectuais. As editoras podem obter o ISBN mediante cadastramento junto à Agência Brasileira de ISBN, na Biblioteca Nacional, situada na Av. Rio Branco, 219/39, CEP 20040-009, Rio de Janeiro (RJ), ou mediante solicitação de formulário via Internet, pelo endereço eletrônico <http://www.bn.br/isbn.html>.

De acordo com Antonio Housaiss *apud* Emanuel Araújo (1986, p. 18), “[...] O livro poderá, assim, para certos fins, apresentar-se sob outra técnica física. Mas, enquanto perdurar o rigor da leitura a sós, o enlevo da leitura a sós, a emoção do manuseio sensual das páginas, enquanto isso perdurar teremos os livros-livros, esses que estão aí tão incorporados à nossa maneira de sermos humanos (tanto assim que, onde ele não é isso, aí impera o atraso, a sotoposição, a exploração)”.

Reafirme-se, portanto, a ênfase que o autor coloca no início de seus cursos: o material disponibilizado no mencionado site poderá subsidiar os estudos; mas, jamais substituirá o

livro. Assim, tenha como hábito precípuo a leitura aos livros e, subsidiariamente, outras fontes de referências, a exemplo da pesquisa eletrônica.

Segundo Martin Claret (2002), o livro é um produto industrial; mas também é mais do que um simples produto. O primeiro conceito que se deve reter é o de que o livro como objeto é o veículo, o suporte de uma informação - uma das mais revolucionárias invenções do homem.

Segundo o autor supramencionado, antes mesmo que o homem pensasse em utilizar determinados materiais para escrever (como, por exemplo, fibras vegetais e tecidos), as bibliotecas da Antiguidade estavam repletas de textos gravados em tabuinhas de barro cozido. Eram os primeiros “livros”, depois progressivamente modificados até chegar a serem feitos - em grandes tiragens - em papel impresso mecanicamente, proporcionando facilidade de leitura e transporte. Frise-se, que com eles, tornou-se possível, em todas as épocas, transmitir fatos, acontecimentos históricos, descobertas, tratados, códigos ou simplesmente entretenimento.

Saliente-se que a função do livro sofreu enormes modificações dentro das mais diversas sociedades, a ponto de constituir uma mercadoria especial, com técnica, intenção e utilização determinadas. No tocante ao moderno movimento editorial das chamadas sociedades de consumo, o livro pode ser considerado uma mercadoria cultural, com maior ou menor significado no contexto socioeconômico em que é publicado. Assim, enquanto mercadoria pode ser comprada, vendida ou trocada. Porém, isso não ocorre com sua função intrínseca, insubstituível - pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão e socialização de idéias, transmissão de conceitos, documentação, entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento.

Cabe registrar que a história do livro confunde-se, em muitos aspectos, com a história da humanidade, porque sempre que se escolhem frases e temas, e transmitem idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural que vivem. Ah! Não é demais asseverar que o conteúdo de um livro - aceito, discutido ou refutado socialmente - integra a estrutura intelectual dos grupos sociais.

É importante assinalar que até o século XV, o livro servia exclusivamente a uma pequena minoria de sábios e estudiosos que constituíam os círculos intelectuais (confinados nos mosteiros no início da Idade Média) e que tinham acesso às bibliotecas, cheias de manuscritos ricamente ilustrados. Entretanto, com o reflorescimento comercial europeu em fins do século XIV, burgueses e comerciantes passaram a integrar o mercado livreiro da época.

Enfatize-se que a erudição laicizou-se, e a quantidade de escritores aumentou, surgindo também as primeiras obras escritas em línguas que não o latim e o grego. Nos séculos XVI e XVII, surgiram diversas literaturas nacionais, demonstrando, além do florescimento intelectual da época, que a população letrada dos países europeus estava mais capacitada a adquirir obras escritas.

Assinale-se que com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, a Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cinquenta anos, cerca de vinte milhões de exemplares para uma população de quase cem milhões de habitantes, a maioria analfabeta, conforme se extrai de Claret (2002).

Apesar do exposto, o percentual de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial. Credita-se às modificações socioculturais e econômicas do século XIX - quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações, e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem, que, segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse - houve um relativo aumento da quantidade de leitores, sobretudo na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir, a preços baixos, obras completas de autores famosos.

Com o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), aperfeiçoando os métodos e a pesquisa de materiais, praticamente imperecíveis, fazem alguns teóricos da comunicação de massa pensar em um futuro sem os livros tradicionais, com seu formato quadrado ou retangular, compostos de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados; mas a palavra escrita dificilmente deixará de ser considerada uma das mais importantes heranças culturais, para todos os povos.

Observou-se que no século passado e também no início deste que o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. O Brasil é um exemplo desse incremento. Pergunta-se, entretanto: é o bastante? Não. A começar pelas Universidades ou denominações assemelhadas - o hábito da leitura ainda é tímido. Os estudantes, principalmente os da pós-graduação precisam entender que nesse nível de ensino, a pesquisa é fundamental; sendo o livro um cabedal de informação, dados e conhecimentos para ancorar teoricamente suas produções técnico-científicas.

Finalmente, após estas breves considerações, convida-se os leitores/internautas a dispensarem, pelo menos, uma hora diária destinada à leitura de bons livros; após seis meses o resultado, no mínimo, será o alargamento vocabular, tão relevante na construção dos trabalhos técnicos, científicos, étnico-culturais, artísticos e literários.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARTIN CLARET. **A História do Livro**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Livro** - normas para apresentação de documentos científicos, Paraná: EdUFPR, 2000, v. 1.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br